

Ema Gordon Klabin



Foto: Gregori Warchavchik, anos 1940

participar de leilões beneficentes em prol das entidades que apoiava e realizar concertos em sua própria casa com artistas de renome.

A partir do final dos anos 1940, passou a adquirir importantes obras de arte em galerias europeias e americanas, além de comprar diversas peças de outros colecionadores brasileiros e de diplomatas estrangeiros de passagem pelo Brasil. Além das obras de arte que ornamentavam a antiga residência paterna, Ema formou, no pós-guerra, um importante conjunto de telas de pintura européia, além de alguns itens de mobiliário europeu antigo.

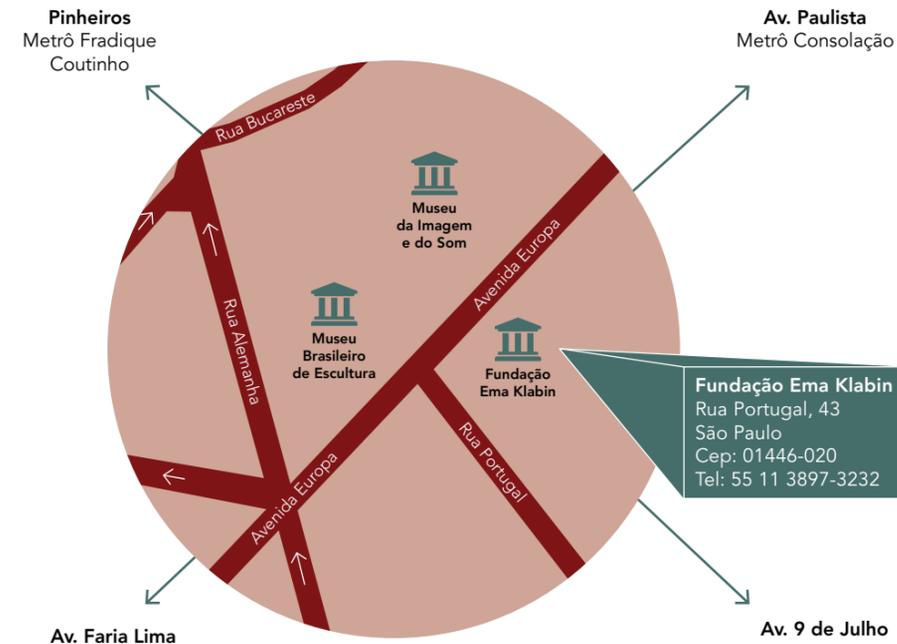
Logo começou a acalantar o sonho de construir uma residência onde pudesse conviver com o belo acervo que ia se formando e onde pudesse receber seus familiares, amigos e artistas em ambiente refinado. A casa, feita sob medida para abrigar sua coleção, foi inaugurada no final de 1960.

Já no final de sua vida, e não tendo herdeiros diretos, Ema Klabin preocupou-se com o destino de sua coleção e, como sua irmã Eva fizera no Rio de Janeiro, criou a Fundação Ema Klabin para que sua casa se tornasse um museu aberto à visitação pública.

Nascida no Rio de Janeiro em 1907, Ema Gordon Klabin era filha de Hessel Klabin e Fany Gordon Klabin, imigrantes lituanos vindos para o Brasil na última década do séc. XIX. Seu pai, naturalizado brasileiro em 1923, foi um empresário que se distinguiu no desenvolvimento da indústria do papel e da celulose no país.

Foi educada no Brasil e na Europa (Alemanha e Suíça), onde residiu durante a Primeira Guerra Mundial. Além da atividade empresarial, assumida em 1946, com a morte de seu pai, Ema dedicou-se a inúmeras atividades filantrópicas e assistenciais, dentre as quais se destaca o papel desempenhado na construção do Hospital Israelita Albert Einstein em São Paulo.

Apreciadora de música e de arte, Ema Klabin teve uma significativa atuação na vida cultural da cidade, com participação nos conselhos de instituições culturais, além de promover artistas,



Visitação / visitation

De Quarta à Sexta / From Wednesday to Friday com educador / guided tour às 14h, 15h, 16h e 17h / 2, 3, 4 and 5 p.m.

Valor / price R\$ 10 inteira / full ou R\$ 5 meia / half-entrance

Sábados, domingos e feriados / Saturdays, sundays and holydays visitação livre / free visitation das 14h às 17h / 2 to 5 p.m.

com educador / guided tour às 14h, 15h, 16h e 17h / 2, 3, 4 and 5 p.m.

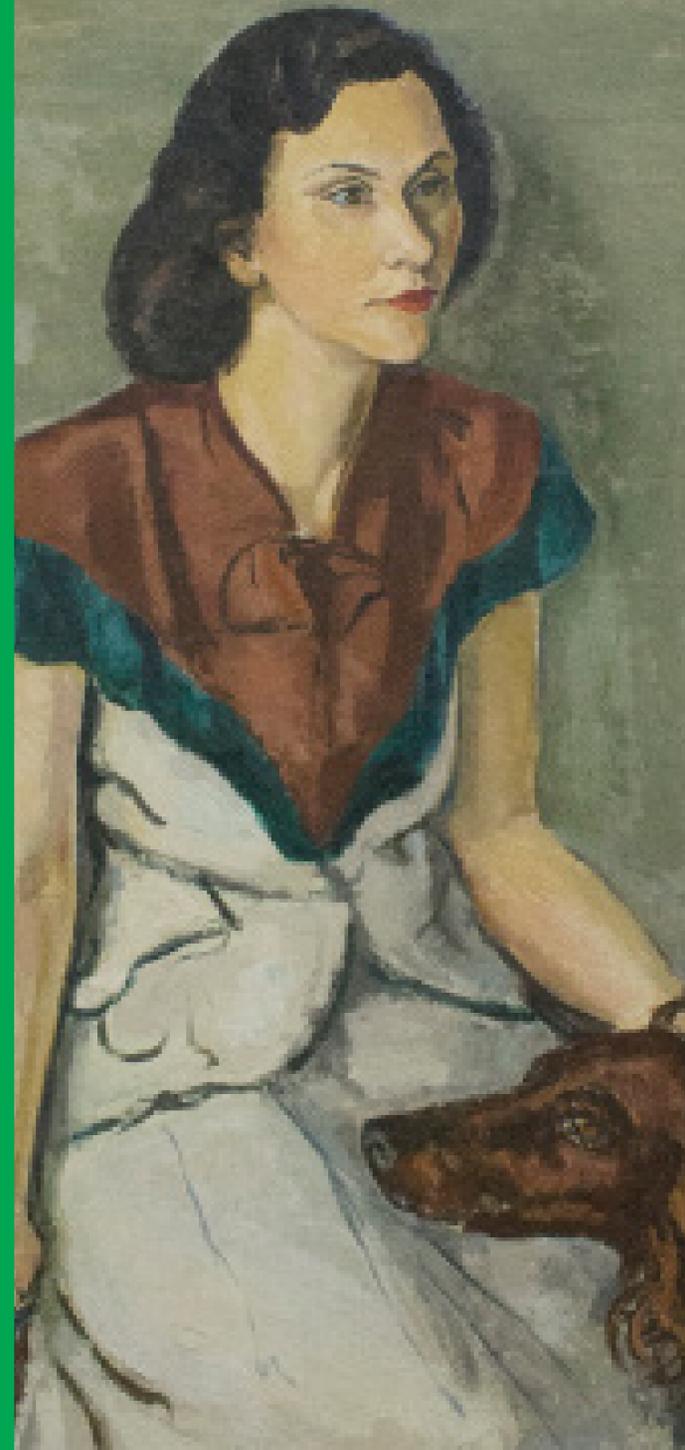
Valor gratuito / free entrance



Apoio



Fotografias da casa por Henrique Luz



A Fundação Cultural Ema Klabin



Oficialmente registrada em 1978, a Fundação Ema Klabin é uma instituição sem fins lucrativos, de utilidade pública, voltada à promoção e difusão de atividades artísticas e culturais, bem como a transformação da residência de Ema Klabin em museu aberto à visitação pública.

A sede da Fundação localiza-se em um terreno de quase quatro mil m², no coração do Jardim Europa, bairro nobre criado nos anos 1920, seguindo o modelo das cidades-jardim inglesas, similar ao contíguo Jardim América, projetado pelo urbanista inglês Barry Parker.

A casa, com cerca de 900 m² de área, foi meticulosamente projetada pelo engenheiro-arquiteto Alfredo Ernesto Becker, em meados dos anos 1950, para abrigar a crescente coleção reunida por Ema Klabin. Inspirada pelo Palácio de Sanssouci, em Potsdam, Alemanha, a casa mistura elementos clássicos, como os arcos plenos das portas e janelas, com elementos modernos, como os materiais de acabamento utilizados. O italiano Terri Della Stufa, pioneiro do design de interiores em São Paulo, foi o responsável pela decoração da casa e pela distribuição da coleção pelos diversos ambientes, e Roberto Burle Marx realizou o projeto inicial do amplo jardim.

O extenso acervo reunido por Ema Klabin é de difícil definição, dado o seu caráter abrangente e diversificado. Com uma visão diversa daquela de um historiador da arte ou de um curador, ela, como muitos colecionadores particulares, procurou cercar-se em seu ambiente doméstico das coisas belas que apreciava. Seguindo basicamente seu gosto pessoal, sem a preocupação de formar uma coleção com um tema específico, os ambientes de sua casa foram sendo preenchidos ao longo de mais de quatro décadas com mais de 1600 peças dos mais diversos períodos, técnicas e procedências.

Capa: Arthur Kaufmann. Retrato de Ema Gordon Klabin. Brasil, 1949.



Vestíbulo e Hall

Ema Klabin formou uma coleção panorâmica, disposta pela casa seguindo as tradições dos ambientes que frequentava na Europa. Assim, logo à entrada, temos a pintura renascentista “Sagrada Família”, de Jacopo Francia (séc. XVI), sobre uma bela cômoda em estilo maggiolini. O hall circular apresenta a diversidade da coleção: duas grandes tapeçarias – uma holandesa, do séc. XVII e a outra flamenga, do séc. XVIII – revestem as paredes. De um lado temos uma coleção de figuras funerárias em cerâmica de três cores da dinastia Tang (China, séc. VIII) e um vaso sang-de-boeuf sobre uma arca italiana do séc. XVII. Do outro lado, um cassone italiano (séc. XVI) é cercado por anjos rococó (Itália, séc. XVIII), móveis franceses (séc. XVII) e dois potiches em porcelana Iznik (Turquia, séc. XVII).



Quarto Principal

Logo à entrada do quarto, uma coleção de esculturas cerimoniais africanas surpreende o visitante. No ambiente concentram-se as obras do modernismo brasileiro, com telas de Lasar Segall, Portinari e Di Cavalcanti, junto a esculturas de Brecheret e Bruno Giorgi. Nas estantes, peças da antiguidade clássica (Grécia, séc. IV-I a.C.), uma coleção de cerâmicas de culturas pré-colombianas e parte de seus livros raros. Junto à sua cama (veneziana, do séc. XVIII), a mais importante peça de mobiliário da coleção: uma mesa de jogos com vários tampos, encomenda da casa real portuguesa do tempo de D. João V (séc. XVIII). Nos nichos do trumeau inglês, peças trabalhadas em marfim, como os netsukes e peças de xadrez. Ao lado, o suntuoso banheiro revestido em placas de vitrolite, inspirado pelos cenários hollywoodianos dos anos 1940.



Salão

A tela “Triunfo de Baco e Ariadne”, do pintor barroco italiano Giovanni Battista Gaulli – Il Baciccio (séc. XVII) cria o clima festivo apropriado ao grande salão da casa, onde Ema realizava suas festas e reuniões. Neste ambiente estão dispostas as peças de maior raridade e importância da coleção, como o conjunto de bronzes arcaicos chineses (o mais antigo do séc. XIV a.C.), a prataria europeia (séc. XVII – XIX), as maiólicas italianas (séc. XVI) e figuras religiosas orientais de diversas procedências. Merecem destaque ainda as pinturas de Jan Bruegel, “Pesca Milagrosa” (séc. XVI), Sebastiano Ricci, “A Recusa de Arquimedes” (séc. XVIII), além da “Paisagem com árvores ao vento”, de Chaim Soutine (1919).



Sala de Jantar

Este ambiente revela o interesse de Ema pela arte brasileira do período colonial e imperial, reunindo diversas talhas de Mestre Valentim da Fonseca e Silva, provenientes da Igreja de São Pedro dos Clérigos, do Rio de Janeiro, demolida em 1943, além de uma coleção de imaginária sacra brasileira, disposta no armário. Seguindo a tradição, naturezas-mortas de diversos períodos cobrem as paredes, com belas obras de Abraham Bruegel, Renoir, Vlaminck e Lasar Segall. Sobre o console, sopeiras de porcelana da Companhia das Índias do Serviço dos Pavões, semelhantes às peças trazidas ao Brasil por D. João VI. Aqui o visitante sempre encontrará a mesa posta à maneira dos sofisticados jantares de Ema, exibindo parte de sua vasta coleção de porcelanas, cristais e prataria.

Galeria

A longa galeria semicircular que une todos os ambientes da casa, apresenta uma série de pinturas de grandes mestres europeus. Para quem chega, o primeiro destaque é o belo tondo renascentista de Raffaellino del Garbo, “Virgem com o Menino, São José e São João Evangelista” (Itália, séc. XVI). Ao centro, há uma bela tela de Frans Post, “Vista de Olinda”. Esta pintura, realizada durante o domínio holandês no nordeste do Brasil no séc. XVII, reflete o espírito da coleção, ao unir a tradição artística europeia a elementos da paisagem brasileira. A galeria conta também com diversas peças de mobiliário europeu, onde se destaca o grande banco gótico de sacristia, decorado com flores-de-lis (França, séc. XIV). Sobre os móveis estão dispostos diversos objetos religiosos e decorativos.



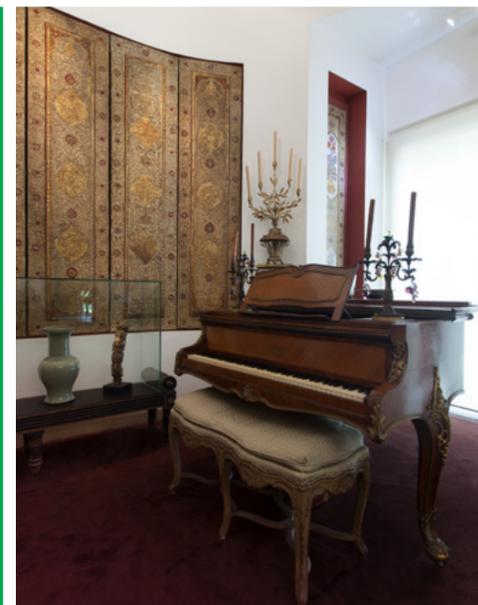
Quarto de Hóspedes

Todo o mobiliário deste quarto é de origem luso-brasileira do século XVIII, feito em jacarandá, nos estilos D. José e D. João V. Sobre a parede lado da cama há um belo tapete persa com uma cena do Antigo Testamento, que pertenceu à família de Ema por muitos anos. Entre as pinturas, temos a famosa paisagem do Rio de Janeiro, de Tarsila do Amaral, além de obras de grandes mestres, como Philips Wouwerman (Holanda, séc. XVII), Claude Lorrain (França, séc. XVII) e de um seguidor de Claude Vernet (França, séc. XIX). Aplicadas sobre as portas dos armários, portas peruanas do período colonial enriquecem o ambiente. O visitante também poderá observar o banheiro anexo, decorado com típicos azulejos dos anos 1950.



Sala de Música

Amante de música e ópera, Ema decidiu dispor neste ambiente duas importantes telas de Marc Chagall, numa clara referência à Ópera de Paris. A mais antiga, “No Campo”, foi pintada em 1925, logo após o artista se estabelecer definitivamente na França, e expressa sua melancolia pela paisagem russa. A outra, “Noivos com Trenó e Galo Vermelho”, de 1957, revela a sua maturidade como artista em Paris. Ema costumava tocar canções do romantismo alemão em seu piano Érard de 1912 (em estilo Luís XV), cercada pelo conjunto de lambris do Império Otomano (séc. XVIII), provavelmente provenientes da cidade de Damasco, Síria, que contribuem para criar a acústica adequada ao ambiente.



Biblioteca

A biblioteca era o ambiente predileto de Ema, onde costumava receber familiares e amigos íntimos, além de passar horas se deleitando com a sua coleção de livros raros, que incluía desde manuscritos e incunábulos até raras edições ilustradas do séc. XVIII, bem como um conjunto significativo de relatos de viajantes estrangeiros sobre o Brasil (Brasiliana). Logo à entrada, pequenas gravuras de Rembrandt e Albrecht Dürer (séc. XVI-XVII) dão o tom do ambiente, dominado pela tela “Ariadne”, do pintor rococó francês Jean-Baptiste Greuze (Séc. XVIII), sua primeira aquisição importante para a coleção, realizada em 1947 por indicação do marchand italiano P. M. Bardi, recém-chegado ao Brasil. Bardi viria a formar a coleção do Museu de Arte de São Paulo, influenciando diversos colecionadores.

